



Por dentro da ocupação

Jornal da Metropole teve acesso ao prédio na Avenida Sete que abriga 207 famílias que perderam suas casas durante pandemia. As histórias são de drama, superação e, sobretudo, solidariedade

Foto 1: moradores ajeitam barracas no quarto andar. Foto 2: fachada do prédio. Foto 3: Danilo Santos, segurança. Foto 4, 5 e 6: moradores cumprindo atividades

Fotos Manuela Cavadas

Texto Adele Robichez

adele.robichez@radiometropole.com.br

Sem moradia, sem emprego e sem dinheiro. Em uma pandemia. Essa é a situação das 207 famílias que ocupam hoje um prédio na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Praça Castro Alves, no centro de Salvador.

Na fachada do edifício de cinco andares, onde funcionava o antigo Centro Estadual de Educação Magalhães Neto, bandeiras agora estampam as letras MLB — sigla simplificada para o Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas de Salvador.

Antônio dos Santos, 50 anos, fica na portaria, cuidando da segurança. “Eu estava na casa de um pessoal, mas tive que sair porque fiquei sem dinheiro para pagar o aluguel. E, nisso, a pandemia teve muito impacto. Antes, não ficava parado, fazia dois, três serviços e, hoje, bato nas portas, mas elas estão sempre fechadas”, relata.

Antes da ocupação nascer foram realizadas reuniões que duraram cerca de três

meses. Neste tempo, fizeram o estudo da estrutura do imóvel, a organização das tarefas e a definição de regras de convivência. Com lembretes e instruções em várias paredes dos corredores, todos os moradores, divididos em cinco comissões, contribuem com a organização do espaço.

É nesse espírito colaborativo que funciona a Ocupação Carlos Marighella, que homenageia o guerrilheiro e ex-deputado federal baiano, morto pela repressão militar, em 1969.

Também na área da segurança, Danilo Santos de Jesus, 26, participa da escala da guarda do portão. Das 3h às 5h ele fica de vigia. Já em sua segunda ocupação, conta que ficou sem moradia também pela pandemia. “Já morei em uma residência no Uruguai, mas sem trabalho, fui despejado. Aqui na ocupação a gente tem o direito de morar, como todo mundo”. Pai de dois filhos, conseguiu um espaço no segundo andar para montar sua barraca de acampamento.

Em cada andar, há cerca de 16 a 17 barracos em construção. Eles são feitos com tábuas de madeirite. Por enquanto, as delimitações, de três metros quadra-

dos cada, são com fita adesiva no chão ou livros didáticos amontoados. Dentro dessas áreas, há, muitas vezes, apenas um colchão a ser compartilhado pela família.

“Sempre estive na rua. Aí, agora aqui está ótimo”, diz Mariza de Jesus, 54.

Ela mora no térreo com mais quatro pessoas e cuida da limpeza.

A equipe da limpeza é composta também por Islaine Souza, 39, grávida do seu quarto filho. Ela não para de trabalhar e acorda todas as manhãs para retirar as pilhas acumuladas de lixo. Assim como a grande maioria das pessoas na ocupação, está inscrita em programas habitacionais, mas ainda não obteve retorno. “Sou inscrita no Minha Casa Minha Vida desde 2009. Eu tinha um espaço, foi indenizado, só que até hoje não fui contemplada”.

PARCEIROS

O quinto e último andar ainda está desocupado. O espaço está com muita



Luta para manter o espaço

O prédio ocupado pertence ao Governo da Bahia, mas estava abandonado há anos. Antes de ser a Ocupação Carlos Marighella ou o Centro Magalhães Neto era uma das sedes da Embasa.

“Segundo a Constituição brasileira, morar dignamente é um direito humano. Ela diz que todo mundo tem que ter casa, todo mundo tem que ter moradia, mas isso não é cumprido”, afirma Victor de Souza, 26, um dos líderes do MLB.

Apesar dos anos em desuso, a Embasa já avisou que irá entrar com um pedido de reintegração de posse. No primeiro dia de ocupação, informou Victor, a polícia tentou expulsar as pessoas do local, mas os advogados do Serviço de Apoio Jurídico (Saju), da Ufba, conseguiram impedir a remoção.

“A gente teve informação que ele estava abandonado há pelo menos seis anos, mas outras fontes afirmaram que ele está abandonado há quase 12 anos”, diz William Santos, 24, outro representante do MLB. Durante o período da pandemia, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou, por meio de uma liminar, a proibição de despejos. O MLB reconhece que a medida é favorável à ocupação, mas critica que ela seja feita apenas durante a crise sanitária.

“É um absurdo a gente ter prédios como este, servindo à especulação imobiliária, enquanto existem, só em Salvador, 110 mil famílias que não têm onde morar”, declara Santos.

Em reunião com Ana Paula (DEM), vice-prefeita de Salvador, a Comissão das famílias da Ocupação Carlos Marighella clamou por ajuda. Por ser um prédio do estado, porém, a administração municipal se comprometeu apenas com questões mais paliativas, como a resolução de documentos. A assembleia com a prefeitura foi intermediada pela vereadora Maria Marighella (PT), neta do comunista baiano que dá nome à ocupação.

infiltração, entulhos e o teto destruído. Já nos outros quatro vãos, a faxina geral já foi praticamente finalizada. A comissão da estrutura também se vira para tornar o local habitável.

Os ocupantes têm ajuda de parceiros para a instalação de luz, água e internet no prédio. Um deles é Anderson do Rosário Silva, 43, que está “dando uma força” nos trabalhos.

“Eu sei que as pessoas que estão aqui não estão porque querem, mas porque precisam. Vim fazer a iluminação, colocar luz do térreo até o último andar e já fiz a instalação hidráulica”, fala, orgulhoso.

A necessidade citada por Anderson é sentida por Manuela Santana, 36. Mãe de seis filhos, ela não tem trabalho e o seu marido perdeu o emprego há três anos. Hoje, ele vive separando entulho e vendendo para reciclagem. O valor de R\$ 300 do Bolsa Família é insuficiente para manter os seus filhos e o aluguel de uma casa. “Eu estava sem moradia porque eu tinha entregado o vão que eu aluguei. Com o dinheiro da Bolsa Família, eu pagava aluguel e eu e meus filhos ficávamos com fome”, diz.

HISTÓRICO

2016 O mesmo grupo da ocupação Carlos Marighella esteve antes na ocupação Luísa Mahin, no bairro do Comércio.

2018 As pessoas foram retiradas de lá, quando o Governo da Bahia emitiu um mandado de desocupação. Na ocasião, foi prometido às famílias moradias no conjunto habitacional Vivendas do Mar, em Paripe, o que até hoje não foi cumprido.

2020 Selma de Jesus Batista morreu de parada cardiorrespiratória enquanto lutava por uma moradia digna. Hoje ela é o símbolo para o movimento e será homenageada batizando a creche que será construída na atual ocupação na Avenida Sete. A creche vai acolher 60 crianças.

